Teatro de bonecos na educação

Sonia Maria Silveira*

"O professor tem um saber
nós temos o nosso também.
E assim nesse vai e vem
vamos se enriquecer.
Por que é que o meu conhecer
A escola ensina às avessas
e pro povo não ensina nada.
A escola é atrasada
pois só ensina com pressa...
...Me dá muita tristeza
e vontade de chorar
quando eu vejo que meu povo
tá esquecendo de brincar.
Quando eu sei que no brinquedo
está a fórmula e o segredo
prá melhor se educar." [1]

Resumo: O texto é uma reflexão sobre a prática do teatro de bonecos na escola de Primeiro Grau, especialmente nas séries iniciais, apontando os limites e possibilidades do boneco como elemento educativo. Contextualiza a prática do teatro de bonecos, no Brasil, durante o período em que houve encontros específicos de bonequeiros brasileiros sobre essa temática. Além disso, comenta brevemente o valor do material utilizado na confecção dos bonecos.

Abstract: This study is a reflection on the pratice of a puppet theater in elementary school, specially in the early grades, pointing out the limits and possibilities of the puppet as an element in the children's education. A contextualization was presented of the pratice of puppet theater in Bra-

* Mestre em Educação pela UFSC

sil, over a period in wich were special gathering of brazilian puppet makers, dealing with this theme. There was also a brief commentary on the value of the material utilized in producing the puppets.

Unitermos: teatro de bonecos, boneco, educação.

O teatro de bonecos é uma prática tão antiga quanto o teatro de atores, e vem educando, instigando, divertindo, encantando e provocando questionamentos a crianças e adultos indistintamente, em todas as partes do mundo.

> *"Nos últimos anos, convencionou-se usar a palavra boneco como um termo genérico que abrangesse suas varias técnicas"* (Amaral, 1993:71).

Assim, boneco é: marionete (boneco movido a fios pelos dedos), fantoche ou títere (boneco que se veste na mão; de luva), boneco de sombras (figura chapada projetada através da luz, articulável ou não), boneco de vara (movido por varetas), marote (mistura de boneco de luva e vara).

> *"Os títeres, como os homens, têm uma história. Sempre viveram juntos. É possível que o homem das cavernas, à luz das fogueiras, tenha feito movimentos com as mãos, formando bichos com as muralhas... A origem dos fantoches, no entanto, perde-se na noite dos tempos e a sombra das mãos é apenas uma suposição"* (Borba Filho, 1987: 10).

A apresentação de bonecos em escolas, na maioria das vezes se dá através da apresentação de grupos teatrais que vêm de fora oferecer seu espetáculo. Há muitas experiências, também, com professores que utilizam bonecos para ensinar algum conteúdo de história ou para introduzir temas. Porém, temos poucas informações acerca de oficinas que oportunizem a criança construir seu boneco, personificá-lo e dramatizar através dele. Em geral, este tipo de atividade é realizado em escolinhas de arte ou outros espaços não escolares.

Isso se justifica, em parte, pela estrutura escolar com seu currículo fechado, horários, espaços e recursos insuficientes para permitir atividades criativas, bem como pela carência de formação dos professores

das séries iniciais no que se refere às atividades artísticas e/ou pela ausência de arte-educadores em nossas escolas públicas.

Entretanto, quando realizamos este tipo de atividades, na escola - seja atividade curricular ou extra-curricular-, observamos um envolvimento total das crianças e uma desenvoltura só encontrada na hora do recreio. Observamos isso também em adolescentes e adultos (professores ou não); independente de idade, gênero e classe social. Todos se envolvem e se desenvolvem.

A introdução da prática do teatro de bonecos na escola, como proposta de arte-educação, nas séries iniciais, amplia as possibilidades para o aprendizado, pois alia o ato de criar ao processo de assimilação dos saberes. Além disso, cria espaço para uma interação entre os conteúdos escolares e os diversos conhecimentos vivenciados no ato do fazer artístico e na diversidade temática que a dramatização aborda, favorecendo a relação afetiva que se estabelece entre o grupo e entre a criança e o boneco, ausente nas práticas tradicionais pedagógicas, que enfatizam o aprendizado de forma mecânica, negando emoções, sentimentos e formas diferenciadas de expressão.

> *"Com as mãos modelamos os bonecos e com as mãos lhes damos vida, projetando neles nossas emoções e sentimentos. (...) O primeiro boneco modelado nos dá uma sensação gratificante. Criar com as mãos é muito forte. O boneco agora é uma extensão do meu corpo, no momento em que me projeto nele, criando com retalhos de fantasias..."*[2]

O ato de construção e criação, tanto na arte como na educação, produz uma relação de proximidade e identidade entre aquilo que se faz e aquilo que conhecemos através de livros, de discursos, de filmes ou qualquer outra forma de registro dos conhecimentos produzidos pelo ser humano. Pois o próprio ato de fazer alguma coisa faz com que o sujeito lide com vários saberes, técnicas e percepções, na prática; ou seja, possibilita a interação (tão desejada e discursada) entre teoria e prática.

A inserção do teatro de bonecos na escola é um tema amplamente debatido por bonequeiros de vários países.

No Brasil, através da Associação Brasileira de Teatro de Bonecos, temos discutido em muitos momentos, em nível nacional, regional ou lo-

cal, a importância dessa prática no processo educativo. As dificuldades encontradas no sistema educacional para a sua concretização, bem como as oportunidades que um e outro bonequeiro têm tido de experimentar essa proposta em espaços educativos e os escassos (mas reais) relatos de experiências têm servido para podermos refletir sobre os avanços e retrocessos de nossa caminhada. Isso oportunizou a realização de encontros específicos sobre o tema entre bonequeiros e, inclusive, juntamente com educadores. Nesses raros encontros, pudemos confrontar nossas dificuldades com a dos educadores e nos identificar na luta pela transformação do processo educativo escolar. Em seminário realizado em 1985, no Rio de Janeiro/RJ - no qual um dos temas de debate era o *Teatro de bonecos na escola*- debatemos sobre as contribuições do teatro de bonecos na escola, o valor do boneco para a criança e para o professor, a realidade do boneco na escola, bem como propostas para suprir as dificuldades levantadas.

Este seminário impulsionou a realização do II Encontro Brasileiro de Teatro de Bonecos na Educação, em Curitiba/PR, que reuniu bonequeiros de todo o país e educadores do Paraná, com o objetivo de discutir mais profundamente dois aspectos: o boneco no espaço formal (aqui definido como escolas regulares) e no espaço informal (movimentos sociais, campanhas, etc.), refletindo sobre qual escolas queremos - já que atuamos nela - e quais contribuições o boneco pode oferecer nesses espaços, visando transformação social.

As reflexões deste seminário podem ser ilustradas por este belíssimo poema:

> *"Arte, educação é como fandango, aqui dançando. Essa dança marcada pelos sons dos tamancos e o fervor das emoções. Educar-se é agora romper com o silêncio que mata, é aceitar nossas desgraças. Educar-se é tomar nossos dramas nas mãos e tirar o títere, o boneco, o novo Proteu, o outro eu liberto e expressá-lo com a força de nosso grito e dos nossos gestos... Conceber a educação pela arte é assumir-se como criador, comprometido com a transformação das formas, das matérias e das relações propostas... o boneco é a possibilidade de ser - capaz de tanto e de tudo mais...A infância e o lúdico - formas gêmeas no jeito encontrado pelo homem para continuar livre..."* (Silva, 1987:6-7).[3]

Sabemos que há muitas pessoas e grupos desenvolvendo atividades com teatro de bonecos em escolas, centros comunitários, praças, escolinhas de artes, cursos e oficinas esporádicos, porém, há poucos relatos publicados e divulgados em nível nacional; quando há registros escritos, geralmente são publicações locais ou regionais, tornando-se difícil sua socialização. A revista **Mamulengo,** publicação da ABTB sobre as atividades bonequeiras no país, divulgava o material que recebia, porém, nem todos relatavam suas experiências, perdendo-se assim a oportunidade de criar um acervo bibliográfico do teatro de bonecos na educação. Atualmente, não podemos contar nem com esta revista, pois está há algum tempo sem sair, dificultando mais ainda as possibilidades de maior divulgação de experiência com teatro de bonecos em educação, no Brasil.

Espero poder contribuir minimamente com algumas reflexões nascidas na prática do teatro de bonecos, através de oficinas que venho realizando em escolas, centros comunitários, etc.

Iniciei este trabalho com um grupo de teatro de bonecos - o Grupo Gralha Azul - fundado em Lages/SC, no final da década de 70. Aprendi muito mais do que fazer bonecos e atuar como bonequeira, pois tive a oportunidade de perceber que o mundo não era só aquilo que eu conhecia e, principalmente, que Lages - seu povo, sua cultura, sua história- assim como todos os lugares do mundo, possue poesia, dor, violência, música, morte, vida, miséria, poderes podres, solidariedade, amor, ódio e que através da arte podemos questionar nossos atos e dar a eles novos sentidos, novas formas, novas cores.

Através do resgate da cultura e da história da região, representada nos espetáculos do Gralha Azul, dos questionamentos, das formas de representação, o grupo instigava a novas reflexões sobre a realidade local. Além dos espetáculos, o grupo se envolveu com o projeto educativo da Secretaria Municipal de Educação e realizou oficinas para professores das áreas urbana e rural. O objetivo do grupo era instrumentalizá-los para a confecção e uso dos bonecos como elemento educativo.

> *"Um professor que nunca tenha passado pelo processo de criar com um material artístico específico jamais compreenderá o tipo peculiar de raciocínio, de reflexão, o qual é necessário para trabalhar com o barro, com as tintas ou com qualquer outro*

elemento. Isto significa que o professor deve estar verdadeiramente envolvido na criação com esses materiais, não sendo bastante que os conheça de um modo abstrato, ou por ter lido ou por ter realizado, mecanicamente, algum projeto. O material e a expressão devem formar um todo" (Lowenfeld, 1977: 83).

Após a realização das oficinas, o grupo acompanhava o trabalho dos professores nas escolas para auxiliá-los a iniciar as atividades com teatro de bonecos. Através da transformação de papéis, frascos de plástico, tubos de papelão, etc., em bonecos que se movimentavam e falavam, os professores percebiam as dimensões educativas na sua prática pedagógica.

Espetáculos de teatro de bonecos, oficinas e uma outra maneira de vivenciar a educação foram se tornando possíveis naquele momento.

Considero esta experiência a melhor escola que tive, pois foi a que me impulsionou a estudar, pesquisar e tentar contribuir para ampliar as possibilidades educativas da escola.

Neste sentido, tenho realizado oficinas pelo Brasil afora, na esperança de poder plantar e colher, aqui e ali, algumas possibilidades de transformação, por um lado, através da própria experiência proporcionada pela oficina, por outro, pela oportunidade de interação com diversas pessoas ligadas direta ou indiretamente ao espaço escolar.

É preciso expressar, também, que a alegria das crianças e dos adultos no final das oficinas renova minhas energias, minha alegria e minha fé nas possibilidades do boneco como elemento integrante de nossas vidas.

Utilizo a palavra oficina para designar um espaço físico/temporal, onde e quando construímos objetos, transformamos materiais, recriando-os em novas formas e significados. Transformamos materiais como a argila e a sucata em bonecos que, de matéria inerte, se transformam em personagens de histórias que queremos contar.

Desde a escolha dos materiais até a forma como se desenvolve este trabalho constitui-se uma intencionalidade educativa, criadora, que pressupõe uma atividade não competitiva, por isso mesmo coletiva; pois mesmo que cada um faça seu próprio boneco, há uma interação constante entre o grupo, que irá se unir para criar e construir histórias para dramatizar com os bonecos. Mesmo durante a confecção dos bonecos, sempre há uma entre-ajuda, de um auxiliando ou sugerindo ao outro de-

talhes de colagem do papel, de uso do material, de pintura, de confecção do corpo ou vestido, etc.

No que se refere à opção pela sucata, por exemplo, temos muitos motivos para a utilização deste material: é um material muito rico em formas e além disso é muito leve, o que facilita a manipulação. A sucata de papelão, plástico e isopor é apropriada para confeccionar este tipo de bonecos. Desta forma, tampinhas, frascos de desodorante, copos plásticos e muitos eteceteras vão se transformar em bonecos com múltiplas formas. Este material é unido e colado com papel e cola caseira (tipo grude - feita com farinha de trigo), podendo ser pintado. Outra vantagem da sucata é de ser totalmente acessível a qualquer pessoa e poder ser reciclada de maneira criativa, lúdica e educativa, pois, ao confeccionar os bonecos, estamos desenvolvendo uma série de habilidades.

A argila é outro material muito rico em possibilidades, pois modelando-a podemos transformá-la em muitas coisas (esculturas, utensílios de cozinha, etc.), inclusive bonecos. Eu utilizo a argila para fazer o molde da cabeça de um boneco ou uma máscara. Depois de modelada, a argila é envolvida por várias camadas de papel (de jornal ou embrulho de pão) e cola caseira. É uma forma diferente de trabalhar com o *papier machê* (massa de papel) e mais fácil, por que a argila é mais maleável e já vem pronta para a modelagem, enquanto que a massa de papel necessita de uma preparação anterior que exige mais tempo e mais trabalho (como sempre temos muito pouco tempo para realizar estas atividades nas escolas), por isso preferi utilizar a argila, nas oficinas.

Esse tipo de atividade proporciona o desenvolvimento de habilidades motoras, perceptivas, interativas, criadoras. O manuseio dos materiais - desde a modelagem, a colagem, a pintura, a confecção da roupa, a manipulação, a colocação em cena -, exige o desenvolvimento de habilidades motoras, o que desenvolve uma atuação independente pela livre escolha de materiais, formas e idéias que vão se dando no próprio ato da construção.

No teatro de bonecos se encontram incorporadas e articuladas entre si imagem, voz, corpo, música, ritmo, canto, plástica, dança, modelagem, interação entre diversas culturas. Portanto, um desenvolvimento integral, no qual se pressupõe um ser humano inteiro, em vez da percepção dualista e fragmentada de corpo e mente.

O desenvolvimento da linguagem é outro fator positivo na prática do teatro de bonecos. Percebemos que na escola pouco se faz para articular

linguagem oral e escrita, percebemos que os momentos de diálogos entre professor(a) e aluno(a)s são muito reduzidos, limitando-se perguntas e respostas para as quais o(a) aluno(a) deve saber qual a resposta certa, sem oportunidade de reflexão e / ou questionamento. Através do boneco falamos e ao falar vamos, aos poucos, organizando nossas idéias e nossas formas de interagir com os outros através do diálogo.

Através do diálogo e da livre expressão (nos jogos de improvisação), nossos conhecimentos, nossas formas de ver e sentir vêm à tona junto com nossas fantasias e sonhos. O boneco possibilita essa vivência entre fantasia e realidade e nos ajuda a sair de nós mesmos para que possamos nos conhecer melhor.

> *"He aquí la gran paradoja del teatro de títeres: refleja mejor la realidad alejándose de ella. Porque 'ningún artista es capaz de representar general y completamente el ser humano, puesto que el mismo lo es. Solo el títeres es capaz de realizar esto, precisamente por su naturaleza no humana', al decir de Sergue Obrastzov"* (Aramayo, 1995: 12).[4]

O jogo dramático, além de educativo, oferece uma válvula de escape importante para lidar com a energia transbordante de nosso(a)s aluno(a)s.

Nas oficinas, antes de iniciar as atividades de dramatização com os bonecos, desenvolvemos alguns exercícios de teatro popular, onde simulamos situações cotidianas de conflitos através de mímicas movimentos de faz de conta. Nestes movimentos, temos que encontrar a melhor forma de expressar o que estamos sentindo sem realizá-lo propriamente. Então, jogos, muitas vezes violentos como lutas e empurrões, são vivenciados de outra forma; e, as crianças das séries iniciais se entusiasmam muito com essa possibilidade. Pois, além de poder vivenciar suas emoções e impressões do cotidiano, eles mesmos organizam a cena e interagem com seus companheiros de forma de atuação e resolução coletiva dos conflitos humanos, através do faz de conta.

Da mesma forma, com adultos (professores e professoras), eles mesmos percebem a dimensão educativa ao vivenciar a dramatização.

A proposta de teatro popular de Augusto Boal[5], além da técnica, propõe um encontro com a cultura popular e os conflitos sociais. O tea-

tro de bonecos tem uma profunda identificação com o popular, com as angústias e sonhos do povo, das ruas, das vilas, das praças.

No Brasil, de figura de presépio se transformou em boneco vivo que fala a língua do povo e vai às ruas fazer rir e cantar.

> *"No teatro de bonecos popular o tema é o quotidiano do homem, suas lutas em seu meio social, suas ilusões e decepções pessoais. Mas, mesmo tratando do quotidiano, ele se coloca no irreal. Não pretende fazer a cópia da realidade"* (Amaral, 1993: 165).

Partindo do popular, valorizando-o, podemos ir sempre além; buscando novas formas de expressão e significação da realidade.

A atividade artística pressupõe concepção de tempo, de espaço e de atuação diferentes das encontradas na escola. Pressupõe liberdade de movimentos, de expressão (para desenvolver a auto-expressão), respeito ao indivíduo (pressupondo que ele é capaz de tomar decisões e, por isso mesmo, capaz de assumir responsabilidades com materiais, horários, etc.) e trabalho coletivo e solidário. Solidário por que não competitivo, mas de ajuda mútua - o que favorece a autonomia e o respeito pelos outros. A competitividade, geralmente, cria um clima de rivalidade e desprezo pelo trabalho e atuação do outro. Enquanto que numa atividade onde todos atuam em conjunto, valorizando o que o outro produz sem se preocupar com notas, prêmios ou em saber quem é o melhor, há oportunidade de uns aprenderem com os outros e admirar o que cada um é capaz de realizar.

Numa sala apertada, com os movimentos limitados ao espaço entre carteiras e o limite definido pela hora-aula, torna-se impossível realizar o pretendido.

> *"A escola pode alimentar a criatividade das crianças, mas também pode destruí-la - e quase sempre é isso o que acontece. Idealmente, as escolas existem para preservar e recriar o aprendizado e as artes, para dar às crianças as ferramentas com que construir o futuro"* (Nachmanovitch, 1993: 108).

Neste sentido, acreditamos que é necessário rever o espaço escolar e buscar soluções práticas para podermos concretizar tudo o que

temos visto e idealizado na teoria. Sabemos que é possível. Precisamos apostar mais nas possibilidades do que nos limites.

A arte possui uma metodologia própria e por isso requer uma relação diferente entre nós e o conhecimento. Ela só poderá ser criativa no seu próprio elemento. Se tentarmos espremê-la e adaptá-la às formas tradicionais de ensino, a arte se tornará sem sentido e não poderá enriquecer e auxiliar o processo educativo.

Na mesma perspectiva, o teatro de bonecos pressupõe liberdade de expressão, de criação e de convivência.

Notas

1. Professor Tiridá em "*Sua educação é sua, sendo sua não é da gente*", texto de Fernando A. G. dos Santos (integrante do Mamulengo Só-Riso, Pernambuco); criação coletiva com bonecos, registrada em vídeo. Trata-se de um texto sobre a relação escola/comunidade, onde se reflete a dificuldade de interação entre o saber da escola e o saber popular.

2. Parte de um depoimento feito por uma aluna (Maria Bressi) da Primeira Oficina de Teatro de Bonecos do Centro de Educação e Cultura Popular- CECUP, Salvador/BA, 1983.

3. *Trechos de Arte-Educação: novas falas para um novo homem*, artigo apresentado no II Encontro Bras. de T. de Bonecos em Curitiba/PR e publicado no Boletim Informativo do INACEM, ano II - n 8 (julho/87). Sonia F. N. da Silva é arte-educadora paulista, com experiência em educação pública em Lages/SC; neste período trabalhava em Curitiba/PR.

4. Traduzindo: Eis aqui o grande paradoxo do teatro de boneco: reflete melhor a realidade afastando-se dela. Porque 'nenhum artista é capaz de representar geral e completamente o ser humano, posto que ele mesmo o é. Somente o boneco é capaz de realizar isto, precisamente por sua natureza não humana', segundo Serge Obrastov".

5. Ver referências bibliográficas.

Referências bibliográficas

AMARAL, Ana M.. **Teatro de formas animadas**. São Paulo, 2. ed., EDUSP, 1993. (Texto e Arte 2).

ABTB. Síntese do Seminário O Boneco e a Educação. Rio de Janeiro, 1985 (mimeo).

ARAMAYO, V. M. de & ARAMAYO, G. Títeres y la educación. **Titereando. Boletim Informativo de La Unión Internacional de La Marioneta** - UNIMA Federacion España. Ano X , n.. 56, septiembre, 1995, p. 12-13.

BOAL, Augusto. **200 Exercícios e Jogos Para o Ator e o Não-ator com Vontade de Dizer Algo Através do Teatro**. 10. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

_____. **Técnicas latino americanas de teatro popular**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1988.

CECUP. Teatro de bonecos. **Caderno de Educação Popular**, n. 1, Salvador, 1984.

LOWENFELD, V. & BRITAIN, W. L. **Desenvolvimento da capacidade criadora** . Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

NACHMANOVITCH, Stephen. **Ser criativo. O poder de improvisação na vida e na arte.** Trad. Eliana Rocha. São Paulo: Summus, 1993.

SANTOS, Fernando A. G. dos. **Sua educação é sua, sendo sua não é da gente.** Recife, Projeto Interação/MEC, 1984.

SILVA, Sonia F. N. da. **Arte/Educação - novas falas para um novo homem**. INACEM, Boletim Informativo ano II, n. 8, julho/1987 (Edição especial para o XIV Festival Nacional de Teatro de Bonecos, em Nova Friburgo/RJ, 1987).